

ANÁLISE DA EXPRESSÃO DO FUTURO EM TEXTOS ARGUMENTATIVOS DO PROFIS

Paulo Ângelo de ARAÚJO ADRIANO
Orientadora: Profa. Dra. Inês Signorini

Resumo: Neste presente artigo investigo, em uma perspectiva funcionalista, como é a estrutura da expressão de futuro sem a flexão verbal em textos acadêmicos do tipo argumentativo produzidos por alunos ingressantes do Programa de Formação Interdisciplinar Superior (ProFIS) da UNICAMP, no quadro da disciplina “Leitura e produção de textos acadêmicos I” (LA 083). Para conduzir a pesquisa, como corpus, examino um conjunto de 70 textos argumentativos produzidos em 2014 em contexto de avaliação, cujo objetivo era que o aluno se posicionasse sobre as medidas que têm sido aventadas para resolver a questão da escassez de água no Brasil. Fundamentado em estudos sobre verbo de Fleishman (1982) e Gonçalves (2013), mostro, em termos gerais, que ao invés da flexão verbal no futuro, os alunos do ProFIS optam pelo uso de uma locução encabeçada ora pelo modal poder, ora pelo modal dever. Isso leva a pensar que há uma alternância entre o valor de futuro e o valor de possibilidade/probabilidade.

Palavras-chave: Linguística Aplicada; Funcionalismo; tempo futuro; perifrases; modais; ensino da escrita

1. INTRODUÇÃO

A base empírica desta pesquisa é constituída por 70 textos produzidos por alunos ingressantes do Programa de Formação Interdisciplinar Superior (ProFIS) da UNICAMP, no quadro da disciplina “Leitura e produção de textos acadêmicos I” (LA 083). Esses alunos terminaram o terceiro ano do ensino médio em escolas públicas na região de Campinas e na UNICAMP têm aulas das diversas áreas do conhecimento, para que, a partir da nota final do Programa, possam ingressar num curso superior sem prestar vestibular.

Ao longo da disciplina LA 083 do primeiro semestre de 2014, os alunos fizeram uma leitura extensiva de textos acadêmicos de áreas diversas com o objetivo de identificar informações para produção de textos acadêmicos, com ênfase em gêneros argumentativos. Durante a disciplina, leram diversos textos sobre as possíveis soluções para a escassez da água no Brasil e fizeram fichamentos, resumindo as principais informações. Como uma das avaliações, deveriam se posicionar sobre as medidas aventadas nos textos lidos e nas discussões em sala de aula para resolver a questão da escassez de água no Brasil.

É justamente pelo tema da avaliação que veio a motivação para esta pesquisa, pois esperava-se que os alunos fizessem uso recorrente do tempo futuro, inferindo supostas consequências futuras das medidas apresentadas. Me chamou a atenção o fato do futuro nem sempre ser expresso através das formas verbais flexionadas e sim através de formas compostas, em sua maioria contendo os modais Poder e Dever.

A noção de tempo verbal está sendo muito estudada atualmente em razão da gramaticalização de determinadas estruturas que passam a ter o valor que seria expresso por verbos flexionados. Reichenbach (1948), por exemplo, mostrou que a noção da futuridade não se restringe às formas do tempo verbal futuro. Para isso, ele dividiu o tempo verbal em três momentos: o momento da fala (S ou MF), o momento do evento (E ou ME) e o momento da referência (R ou MR).

Em relação ao futuro verbal, Fleischman (1982) mostrou que a noção da futuridade não se restringe às formas do tempo verbal futuro. Além do presente futuro, Fleischman destacou que as línguas românicas possuem formas perifrásticas que também expressam futuridade, visto que se utilizam do presente do indicativo para expressar esse tempo verbal. Em português a expressão de futuridade pode se realizar por meio do futuro do presente, futuro do pretérito, futuro do subjuntivo; presente futuro e formas perifrásticas: ir (presente do indicativo) + infinitivo; ir (futuro do presente) + infinitivo; estar para + infinitivo; haver de + infinitivo e pelos auxiliares modais, oriundos do latim falado, que permaneceram nas línguas românicas como ter de/ter que; poder; dever e querer + infinitivo, havendo oscilação entre formas simples e compostas, de acordo com a autora. Segundo Coseriu (1977, p. 21), o futuro latino não teve continuação ou não “se propagou” para as línguas românicas, tendo sido substituído por perífrases. O autor atenta para o fato de que não foi o sentido de futuro que desapareceu na passagem do latim, devido a um suposto enfraquecimento dessa noção de futuridade, mas uma substituição, gradual e contínua, das formas de expressão desse tempo. O que ocorreu, portanto, foi uma mudança da forma, o que não corresponde, necessariamente, a uma alteração da função. Seria pertinente, portanto, falar de uma substituição das formas de futuro nas línguas românicas e não de uma substituição do futuro latino.

A expressão verbal do futuro nas línguas românicas se dá por formas que, em larga medida, remontam aos moldes latinos. O latim clássico tinha duas formas indicativas de futuro, uma imperfeita e outra perfeita, que se traduzem em português pelo futuro do presente e pelo futuro composto, respectivamente. Eram construções sintéticas, apoiadas em sufixos, que já no latim vulgar seriam substituídas paulatinamente por formas analíticas, constituídas por um verbo principal e um auxiliar. (MERCER, 2011, p.1)

Assim, pode-se dizer que há a forma sintética que é aquela estrutura formada por desinência temporal (-rei, -ria) e a forma analítica, que é uma substituição da forma do futuro, e é formada, na maioria das vezes, por perífrases com ir + infinitivo.

Em estudos do futuro verbal no português brasileiro, Thomas (1969) apresenta cinco variantes: o futuro simples (cantarei), o presente (canto), a perífrase com haver no presente (hei de cantar), a perífrase com ir no presente (vou cantar) e a perífrase com ir no futuro (irei cantar). Acerca dos usos dessas formas para expressar o futuro, o autor atesta que o futuro sintético é uma forma pouco usada na fala.

O fato é que as construções de futuro à medida que se temporalizam, tendem a se sintetizar, reforçando, diacronicamente, a hipótese de que as construções de futuro que expressam, primeiramente, a temporalidade são as sintéticas (FLEISCHMAN, 1982). Diante disso, espera-se que os falantes, mesmo que não tenham consciência desse processo, quando querem expressar atitude, crenças e intenções, prefiram usar uma forma verbal que possa expressar sua atitude, suas crenças e intenções. Daí a busca pela modalização das formas de futuro.

Pesquisas acerca da auxiliaridade têm mostrado que os verbos modais (modalização) possuem um caráter especial, pertencendo a uma classe de verbos responsável por expressar as modalidades lógicas, ou seja, são verbos associados às modalidades deontica e epistêmica. Dessa forma, o falante, ao usar o modal, busca um julgamento do fato como possível, necessário, como consequência lógica ou como resultado de uma decisão (PONTES, 1973; PALMER, 1986).

De fato, a lógica modal permite exprimir de um modo explícito as noções de necessidade e possibilidade: permite que uma dada asserção seja necessariamente verdadeira e que uma dada asserção seja possivelmente verdade. Os estudos da lógica modal indagaram se a modalidade fazia parte de uma característica do mundo ou não. Assim, a partir dos estudos da Lógica Modal, considerou-se a realidade como tendo uma estrutura modal, que estava vinculada à noção de mundos possíveis. Essa noção fez com que se alargasse o leque de possibilidades para a verificação dos valores de verdade ou falsidade das proposições. Esse julgamento do falante faz necessário compreender o que é modalidade deontica, e, por fim, modalidade epistêmica. Palmer (1986) estudou a modalidade em 122 línguas e mostrou que há dois tipos de modalidade: a proposicional, que abrange as noções de modalidade epistêmica e evidencialidade, e a modalidade de evento, que inclui as modalidades deontica e dinâmica.

Para Palmer, a modalidade epistêmica relaciona-se com as noções de possibilidade e de necessidade e envolve, também, o grau de compromisso do falante, incluindo os juízos próprios e o tipo de garantia que ele tem para o que ele diz. A modalidade deontica, por sua vez, refere-se à necessidade ou à possibilidade dos atos performativos pelo agente moralmente responsável. Para ele, a modalidade deontica divide-se em dois grupos: diretiva e comissiva. A primeira é identificada como uma ideia de permissão ou obrigação, dependente de algum tipo de autoridade do locutor. A segunda define-se como uma promessa ou compromisso do falante para realizar algo ou tencionando realizar algo.

Já Givón (1995), outro estudioso funcional da modalidade, defende que essa categoria expressa a atitude do falante em relação à informação, veiculada pela proposição. Para o autor, a atitude do falante pode ser dividida em dois tipos de julgamento: um epistêmico, baseado em verdade, crença, probabilidade e certeza; e um deontico, referente a desejo, intenção, habilidade, obrigação e manipulação, ou seja, a modalidade deontica refere-se à necessidade ou à possibilidade de atos performativos pelo agente responsável.

No que se refere especificamente à modalidade, Koch (2006) afirma que, enquanto os modalizadores epistêmicos marcam o comprometimento/engajamento do locutor em relação ao seu enunciado, os modalizadores deonticos indicam o grau de imperatividade/facultatividade atribuído ao conteúdo proposicional. Segundo a autora, em português, assim como em outras línguas, as modalidades, epistêmica e deontica, podem ser expressas pelo mesmo verbo, cabendo ao contexto a diferenciação entre elas. Em inglês, por exemplo, há uma variedade de graus para expressar obrigação, permissão, proibição, necessidade, possibilidade e capacidade. Essas inúmeras alternativas se constroem por meio de um conjunto de verbos modais, além das formas negativas correspondentes.

Segundo Câmara Jr. (1956), os verbos modais comportam-se como um conjunto de formas verbais para um dado verbo, também ditas formas compostas, em que esse verbo aparece numa de suas formas verbonominais e a parte flexional de modo, tempo e pessoa cabe a um verbo que sofreu gramaticalização e passa a auxiliar (CÂMARA JR., 1956, p. 60).

Gonçalves (2013), em sua tese, tentou agrupar os modais conforme o nível de abstratização, ou seja, o nível 1 abarca os usos menos abstratos e os níveis 2 e 3 trazem gradualmente os mais abstratos. Assim, para a autora há:

(i) o poder1 como MODALIDADE DEÔNTICA que expressa HABILIDADE FÍSICA E/OU MENTAL e trata-se de uma modalidade orientada para o agente e também uma POSSIBILIDADE RADICAL que indica ausência de impedimento externo para que o sujeito (agente) realize a ação;

(ii) poder2 MODALIDADES DEÔNTICA que expressa PERMISSÃO e indica que o sujeito tem autorização externa ou social para realizar uma ação e numa ORDEM FRACA, poder2 indica que o sujeito não apenas tem autorização, mas também deve executar a ação;

(iii) poder 3 como MODALIDADES EPISTÊMICA que expressa POSSIBILIDADE e indica que algum fato pode ocorrer e, também, NECESSIDADE indicando uma certeza inferida a partir de dados prévios.

Para ilustrar essa divisão do modal Poder, a autora apresenta alguns exemplos:

(1) Semana que vem devo ir começando a colocar as coisas no lugar, mas acho que vamos ficar aqui até vocês voltarem, porque ajudamos no “enruga” e incrementamos o apartamento de fofocas – que, por sinal, está dos mais ativos ultimamente, como podem imaginar. (Carta Pessoal 01, PC, grifo nosso) (poder1 deôntico como habilidade física e/ou mental).

(2) [...] basta que o Governo determine a residência dos Índios Mongoiós na beira do Rio [...] como também para que possa por ella descer todo o Salitre [...]. (Artigo Científico 01, PM, grifos nossos) (poder 1 deôntico como possibilidade radical).

(3) Isto significa que temos o total permitido para entrar no país sem pagar imposto. Somente dentro de 5 ou 6 meses podemos entrar com outra quantidade [...]. (Carta Pessoal 07, PC, grifo nosso) (poder2 deôntico indicando permissão).

(4) Mesmo se eu não escrever, vocês podem fazê-lo [...]. (Carta Pessoal 02, PC, grifo nosso) poder2 deôntico indicando permissão na ordem fraca).

(5) O número de lesões e a época de aparecimento dos sintomas podem causar queda prematura de frutos e intensa desfolha na planta, reduzindo a capacidade

fotossintética de variedades suscetíveis. (Artigo Científico 03, PC, grifo nosso) (poder3 epistêmico indicando possibilidade).

(6) Só pode ter sido você! (Carta Pessoal 15, PC, grifo nosso) (poder3 epistêmico indicando necessidade).

Assim como o poder, Gonçalves também subcategorizou o modal dever:

(i) dever1 como MODALIDADE DEÔNTICA indicando OBRIGAÇÃO FORTE que é imposta ao agente por meio de leis ou ordens de superiores e uma OBRIGAÇÃO FRACA que indica uma obrigação que é imposta ao agente, funcionando mais como recomendação.

(ii) dever2 como MOBILIDADE EPISTÊMICA indicando PROBABILIDADE que expressa uma certeza inferida com base em fatos reais.

Do mesmo modo, a autora traz exemplos da divisão do modal dever:

(7) [...] trata-se de um trabalho que aspirantes deverão realizar para deixar, bem viva, a marca de sua passagem pelo 10º batalhão. (Carta Pessoal 14, PC, grifo nosso) (dever1 deôntico indicando obrigação forte).

(8) A prática do controle conjugado da cochonilla ortézia e do ácaro-da-leprose, definitivamente, não deve ser rotineira em função da frequência de aplicação para cada alvo biológico. (Artigo Científico 01, PC, grifo nosso) (dever1 deôntico indicando obrigação fraca).

(9) Está tudo numa dezordem por todos os Navios estarem fazendo agora, e o maldito cheffe sem querer sahir procurando ideas para sua desculpa. Esta vai no Pacote das Cartas que sedis o fazem sahir dous dias atras de nossa sahida que deve ser para a semana, o que Deus queira [...]. (Carta de Comércio 05, PM, grifo nosso) (dever2 epistêmico indicando probabilidade).

Com essas classificações propostas por Gonçalves (2013), pretendo, neste artigo, também classificar os verbos modais no corpus tomado para análise.

2. METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido basicamente em 6 etapas. Na primeira, fiz um levantamento de todos os verbos em todos os textos do corpus a fim de observar a frequência de cada tempo verbal flexionado. Na segunda etapa, observei a frequência das formas de futuro, no que se refere à forma sintética e também analítica. Na terceira,

verifiquei como estavam estruturados os verbos no futuro sintético. Na quarta etapa, observei as ocorrências do modal Poder em estruturas perifrásticas de futuro. Na quinta, já me atentei à ocorrência do verbo Dever também nas estruturas perifrásticas de futuro, e por fim, na sexta etapa, contrastei as ocorrências desses dois verbos, para observar qual a preferência de perífrase com modal para expressar futuro nos textos estudados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na Tabela 1, apresento os dados obtidos a partir do levantamento preliminar de todos os verbos presentes nos 70 textos estudados observando o tempo verbal.

Tempo verbal/Formas nominais	Ocorrência	%
Presente	2.543	60
Pretérito	501	11.82
Futuro	109	2.57
Infinitivo	700	16.51
Gerúndio	245	5.78
Particípio	140	3.30
Total	4.238	100

Tabela 1: Frequência dos verbos

Na Tabela 1, pode-se observar que de um total de 4.238 verbos, o tempo presente é o de maior frequência: 60%, ou seja, apareceu 2.543 vezes. claramente pode-se observar também que o tempo verbal flexionado com menor ocorrência foi o futuro, com 109 aparições, que correspondem a 2,57%. Dos poucos casos:

(15) A escassez de água no Brasil é um problema que deveria ser combatido com o apoio da população [...]

(16) Tendo em mente que é uma problemática sem fim, acreditam que soluções clichês não serão suficiente para “salvar” o planeta terra.

(17) [...] governantes propõe que a escassez decorre do uso inadequado e inconsciente da população e por conta disso poderá haver racionamento de água.

(18) O ônus incentiva as famílias a economizarem água devido ao desconto de 30% que será dado na conta de água a ser paga, pois será feito uma análise da quantidade de m³ de água que cada família utilizou nos últimos meses desse ano e calcular a média.

A seguir, apresento a Tabela 2 com a frequência das formas sintéticas (melhorará, ajudaria) e analíticas (ia ajudar, vai melhorar) encontradas no corpus.

Formas	Ocorrência	%
Sintética	82	75,22
Analítica	27	24,78
Total	109	100

Tabela 2: Frequência das formas de futuro nos textos

A Tabela 2 nos mostra que, nos textos estudados, a frequência da forma sintética que expressam futuro é significativamente maior do que a frequência da forma analítica. Das 109 aparições de futuro, 75.22% foram da forma sintética e 24.8% da forma analítica. É importante apontar que a forma analítica computada para a tabela só se refere à forma de ir (indicativo) + infinitivo, pois a forma de ir (indicativo) + gerúndio não foi presente nos textos.

Fonseca (2010, p. 34) constatou que o uso das formas sintéticas de futuro ainda resiste no português contemporâneo em consequência de seu ensino explícito por parte das escolas, que consideram, assim como as gramáticas normativas, essa forma “correta” e de maior prestígio. O que é constatado nos dados obtidos, uma vez que o corpus é formado por um tipo textual (argumentativo) de maior prestígio e que circula em uma esfera mais formal, o acadêmico.

Como exemplo de futuro sintético e analítico, temos respectivamente:

(19) Contudo uma introdução ao assunto, dada como foi, serviria mais para efeito de pânico, ou seja, as pessoas que não estão basicamente preparadas para ouvir esses problemas podem acreditar que a água do mundo esta preste a acabar. (futuro sintético)

(20) O caso do Brasil é tão sério que uma elevação de três graus na temperatura global ia trazer mudanças significativas como, por exemplo, a transformação de florestas em Savanas. (futuro analítico)

É interessante notar que as formas sintéticas que mais apareceram foram no contexto de: locução verbal, verbo ser, verbo poder, verbo dever. Foi pouco frequente a presença de um verbo, fora de uma locução e não sendo nem auxiliar nem modal, vir flexionado. A tabela 3 ilustra essa informação, comparando, no futuro sintético, as construções com locução verbal (deverá ser combatido, deveria ser combatido), com verbo ser (será, seria), poder (poderá, poderia) e dever (deverá, deveria) e também com um outro verbo flexionado (servirá, serviria).

Forma sintética	Frequência	%
Verbo ser, poder, dever	38	46,35
Locução verbal	35	42,68
Outro	9	10,97
Total	82	100

Tabela 3: Ocorrência de verbos no futuro sintético

Da análise das Tabelas 2 e 3, podemos observar que das 82 ocorrências de verbos na forma sintética (flexionado no futuro), 46,35% eram com verbos auxiliar e modal, 42,68% com uma locução verbal e somente 10,97% com outro verbo. Os exemplos a seguir ilustram claramente os dados:

(21) Por está razão implantar qualquer tipo de multa ou ônus seria inviável, já que isto, com base legal, somente seria correto se o governo cumprisse com suas obrigações. (forma sintética com verbo ser).

(22) O mundo dispõe de 1,39 bilhão de quilômetros cúbicos de água, poderia uma pessoa desinformada acreditar que todos os problemas estariam resolvido automaticamente, porem desse total 97,2% dela é salgada (mares), que dos 2,8% que sobram mais de dois terços estão nas geleiras, ou seja , restam apenas 0,4% de toda a água existente na terra. (forma sintética com verbo poder)

(23) Há quem é contra esse ônus, afirmando que o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, poderia ter evitado tal problema. (forma sintética com locução verbal).

(24) Portanto, enquanto as medidas tomadas não visarem a solução para o problema em si, nenhum avanço será obtido. (forma sintética com locução verbal).

(25) [...] diz que o que está acontecendo no estado de São Paulo pode acontecer em qualquer outro lugar do mundo, mas que o sistema de abastecimento de água deveria ter a capacidade de suprir esta falta escassez e que isto não é uma realidade vivida no estado, ou seja, os sistemas de abastecimento de água daqui não suprem esta vazão de água. (forma sintética com locução verbal).

(26) É claro que as multas e um possível racionamento ajudam a conter uma população que está na cultura do desperdício, estando acostumada a lavar a calçada todos os dias ou a demorar exageradamente no banho, e essas medidas que vem sendo tomadas até justificariam a competência do governo no assunto se não estivéssemos falando sobre uma falta de chuva que é esperada todo ano em um país de grandes reservatórios de água potável. (forma sintética com outro verbo).

(27) Seria de fato assim que um leigo imaginaria o mundo se pegasse um texto e nele estivesse um especialista dizendo que só podemos usar 0,4% de toda a água do mundo. (forma sintética com verbo).

A Tabela 3 mostra que raramente o futuro flexionado apareceu com um verbo sozinho (outros) que não seja esse um auxiliar (ser, estar) ou um modal (poder, dever). O Gráfico 2 ilustra essa preferência de flexionar os auxiliares/locução e não outros verbos sozinhos, conforme a Tabela 3.

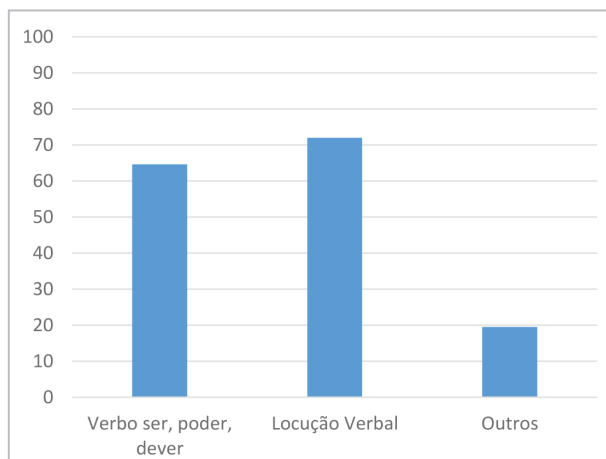


Gráfico 1 – Frequência das formas sintéticas

Como este trabalho tem por objetivo, também, analisar a estrutura da expressão de futuro sem a flexão verbal, em especial, pelos modais Poder e Dever, cabe aqui quantificar a frequência do Poder₃ e do Dever₂, uma vez que ambos estão no nível da mobilidade epistêmica e respectivamente expressam (i) possibilidade indicando que algum fato pode ocorrer e necessidade, indicando uma certeza inferida a partir de dados prévios e (ii) probabilidade que expressa uma certeza inferida com base em fatos reais, passando um sentido de futuro, segundo GONÇALVES (2013).

Assim, a seguir, apresento a Tabela 4 com a frequência do Poder₃ em contraste com o Poder₁ e 2 nos textos estudados.

Tempo verbal	Poder ₁ e Poder ₂ (deôntico)		Poder ₃ (epistêmico)		Total da frequência
	Número de ocorrências	(%)	Número de ocorrências	(%)	Número de ocorrências
Presente	49	87,50	157	94,01	206
Pretérito	7	12,50	---	---	7
Futuro	---	---	10	5,99	10
Total	56	25,11	167	74,89	223

Tabela 4: Frequência do verbo poder

A partir dos dados da Tabela 4, observamos que o maior percentual de uso do verbo Poder encontra-se na modalidade epistêmica de possibilidade e necessidade (Poder₃), com 74,89%, seguido de Poder₁ e 2, com 25,11%. Assim, apresento exemplos que ilustram esses dados:

(28) O recente período de estiagem não pode ser culpado pela falta de chuva, uma vez que o governo tem a obrigação de promover água em quantidade suficiente para a população. (Poder₁ e 2)

(29) Com base nos argumentos apresentados, pode-se afirmar que as medidas que estão sendo discutidas pra resolver o problema da escassez de água no Brasil, especialmente em São Paulo, é rrada. (Poder1 e 2)

(30) O Alckimin não podia instaurar uma lei sem consultar a maioria da população, uma vez que todos vão ser prejudicados. (Poder1 e 2)

Diante dos exemplos, podemos observar que o exemplo (i) mostra o verbo poder com uma acepção de permissão, no caso o verbo indica que o sujeito (período de seca) não tem autorização externa ou social para realizar uma ação (culpado). O exemplo (ii) foi frequente por se tratar de um texto argumentativo, em que os alunos devem usar uma linguagem mais sóbria, denotativa, sem rodeios (afinal, convence-se o leitor para força dos argumentos); daí ser preferível o uso da terceira pessoa. E por fim, o exemplo (iii) mostra o verbo poder indicativo de permissão, como o exemplo (i).

A Tabela 4 também mostra dados referentes ao Poder3, aquele que é tomado como principal objeto de estudo, pois indica possibilidade, denotando uma ideia futurística. No tempo presente, a frequência do Poder3 foi de 94,01% e no futuro (flexionado) de 5,99%. Para ilustrar alguns casos, seguem exemplos:

(31) Por outro lado, governantes propõe que a escassez decorre do uso inadequado e inconsciente da população e por conta disso pode haver racionamento de água.

(32) O uso da água é fundamental no dia a dia, contudo o consumo não tem sido consciente e a escassez pode ser inevitável.

(33) Se a média de consumo global não diminuir, o cotidiano da população pode ser afetado drasticamente, inclusive no Brasil.

(34) Diz ainda o autor que essas mudanças, muito provavelmente causadas pela ação humana de acordo com o Quarto Relatório Científico do IPCC AR4, podem afetar a demanda mundial de água logo.

(35) Conforme diz José Galizia Tundisi, presidente do Instituto de Internacional de São Carlos, o consumo global de água deve ser reduzido, e os agravantes do consumo exacerbado poderão ser percebidos inclusive pela população brasileira.

Quando se compara o Poder1 e 2 com o Poder3, podemos concluir que o primeiro obteve uma frequência de 25,11%, enquanto que o Poder3 obteve 74,89%. O relevante é observar o percentual de Poder3, na expressão de possibilidade, funcionando como auxiliar, indicando que algum fato pode ocorrer. Por isso a noção de proximidade com a noção de futuro.

Para observar essa noção de futuridade, utilizei do método de Gonçalves (2013) que verificou que é possível substituir a perífrase, formada pelo verbo auxiliar poder + infinitivo, tanto pela forma sintética de futuro, quanto pelas perífrases ir (presente) + infinitivo e ir (futuro do presente) + infinitivo.

(31) Por outro lado, governantes propõe que a escassez decorre do uso inadequado e inconsciente da população e por conta disso pode haver racionamento de água.

(31a) Por outro lado, governantes propõe que a escassez decorre do uso inadequado e inconsciente da população e por conta disso haverá racionamento de água.

(31b) Por outro lado, governantes propõe que a escassez decorre do uso inadequado e inconsciente da população e por conta disso vai haver racionamento de água.

(31c) Por outro lado, governantes propõe que a escassez decorre do uso inadequado e inconsciente da população e por conta disso irá haver racionamento de água.

Devemos observar que a substituição da perífrase poder + infinitivo pela forma sintética do verbo principal e pela perífrase com ir + infinitivo traz à tona questões relativas à formação do tempo futuro, relacionadas à modalidade de cada forma, seja por meio de um grau maior de certeza seja por meio de um grau maior de possibilidade. Não podemos, no entanto, afirmar que o uso da forma sintética ou da perífrase com infinitivo seja mais “eficiente” para denotar que o fato certamente ocorrerá no futuro ou se existe uma remota possibilidade de ele ocorrer. Os exemplos acima mostram que é possível estabelecer uma escala que vai da certeza até a ideia de possibilidade/hipótese, apresentando graus de certeza, de comprometimento e de vontade do falante, daí a ideia de modalidade (GONÇALVES, 2013). Vale lembrar que o falante, ao modalizar seu enunciado epistemicamente, qualifica a probabilidade de o conteúdo de uma proposição ser ou poder tornar-se verdadeiro (CASTILHO & CASTILHO, 2002 apud GONÇALVES, 2013).

No que se refere à frequência do verbo Dever, vale lembrar que o que é relevante para o presente trabalho é somente o Dever₂, que denota probabilidade que expressa uma certeza inferida com base em fatos reais (noção de futuro). Desse modo, a Tabela 5 traz os dados coletados da frequência do dever.

Tempo verbal	Dever ₁ (deôntico)		Dever ₂ (epistêmico)		Total da frequência
	Número de ocorrências	(%)	Número de ocorrências	(%)	Número de ocorrências
Presente	31	68,9	17	100	48
Pretérito	---	---	---	---	---
Futuro	14	31,1	---	---	14
Total	45	72,6	17	27,4	62

Tabela 5: Frequência do verbo dever

A partir dos dados da Tabela 5, observamos que o maior percentual de uso do verbo dever encontra-se na modalidade deôntica de obrigação forte ou obrigação fraca (dever₁), com 72,6%, seguido de dever₂, com 27,4%. Isso nos leva a pensar que há uma preferência dos usos mais concretos do verbo dever (modalidade deôntica). Dever₁ no presente aparece 68,9%, no futuro 31,1%, e com nenhuma aparição no pretérito. Dever₂ aparece 100% no tempo presente. Para ilustrar esses casos, apresento os seguintes exemplos:

(36) Apesar de todos sabermos que não se deve desperdiçar água, é comum nos questionarmos se a escassez que vem ocorrendo o estado de São Paulo e em todo o Brasil é consequência apenas de seu uso indiscriminado. (dever1 como obrigação fraca).

(37) Uma outra medida que, de acordo com Julio Cerqueira, deveria ser adotada (também em relação a São Paulo) é o investimento. (dever1 como recomendação).

(38) Conforme diz José Galizia Tundisi, presidente do Instituto de Internacional de São Carlos, ele tem esperança que o consumo global de água deve ser reduzido, e as melhorias do consumo exacerbado poderá ser percebidos inclusive pela população brasileira. (dever2 como probabilidade).

(39) Tundisi afirma que a má gestão dos recursos hídricos é um problema que ainda deve ser resolvido de uma forma lenta, reconhecendo as capacidades de necessidades de cada região do país. (dever2 como probabilidade).

Do mesmo modo do verbo poder, a partir do método de Golçalves (2013) podemos observar que há situações em que o verbo Dever também se comporta como um auxiliar de futuro, com a noção modal de probabilidade:

(38) Conforme diz José Galizia Tundisi, presidente do Instituto de Internacional de São Carlos, ele tem esperança que o consumo global de água deve ser reduzido, e as melhorias do consumo exacerbado poderá ser percebidos inclusive pela população brasileira.

(38a) Conforme diz José Galizia Tundisi, presidente do Instituto de Internacional de São Carlos, ele tem esperança que o consumo global de água será reduzido, e as melhorias do consumo exacerbado poderá ser percebidos inclusive pela população brasileira.

(38b) Conforme diz José Galizia Tundisi, presidente do Instituto de Internacional de São Carlos, ele tem esperança que o consumo global de água vai ser reduzido, e as melhorias do consumo exacerbado poderá ser percebidos inclusive pela população brasileira.

(38c) Conforme diz José Galizia Tundisi, presidente do Instituto de Internacional de São Carlos, ele tem esperança que o consumo global de água se reduzirá, e as melhorias do consumo exacerbado poderá ser percebidos inclusive pela população brasileira.

No que se refere á perífrase de futuro pelo modal, é importante comparar os modais Poder3e Dever 2 para observarmos qual a preferência de estrutura para a perífrase futurística. Desse modo, apresento esses dados na Tabela 6.

Modal	Número de ocorrências	(%)
Poder3	167	90,76
Dever2	17	9,24
Total	184	100

Tabela 6: Frequência dos modais nas perífrases de futuro

Pela análise da Tabela 6, podemos observar que 90,76% dos casos de perífrase de futuro foram com o verbo Poder3 e 9,24% com o Dever2. Assim, percebe-se que houve preferência pelo Poder3 nas estruturas que expressam futuro.

Lobato (2009) estudou a trajetória de gramaticalização dos verbos modais, e constatou que, no período contemporâneo, há uma concorrência, nos textos científicos, entre os usos de Dever2, na modalidade epistêmica de probabilidade, e os usos de Poder3, na modalidade epistêmica de possibilidade. Embora o valor semântico desses verbos não seja idêntico, a autora mostra que podemos observar que ambos os verbos indicam baixo grau de certeza por parte do falante, daí a possibilidade de uso alternado dos dois verbos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelos dados apresentados, podemos afirmar que embora os alunos raramente flexionaram os verbos no futuro, não foi o sentido de futuro que ficou ausente nos textos. Houve uma substituição da forma de expressão desse tempo. Desse modo, no que se refere às expressões de futuro, 61,48% foram com os modais Poder3 e Dever2 e somente 38,52% com verbos flexionados.

Assim, houve preferência pelo uso do modal Poder3 (possibilidade) e Dever2 (probrabilidade) para expressar o tempo futuro. O que à primeira vista parecia uma carência ou erro, tem uma razão de ser na história da língua e em modalidades pouco exploradas pelos estudos gramaticais focados unicamente no padrão.

Até o momento, os resultados desta pesquisa estão de acordo com Gonçalves (2013) que diz que os verbos modais, em seus usos mais abstratos, vêm, gradativamente, ocupando espaço na língua para demarcar futuro, indicando possibilidade/probabilidade e com Lobato (2009) ao afirmar que o uso dos modais Poder e Dever em textos científicos são comuns, pois ao usar esses verbos, o grau de comprometimento com a verdade das afirmações se torna ainda menor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Uma forma verbal portuguesa: estudo estilístico gramatical**. Tese apresentada no concurso para a cadeira de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, Rodrigues & Cia, 1956.

- CASTILHO, A.; CASTILHO, C. M. M. Advérbios modalizadores. In: ILARI, R. (Org.). Gramática do português falado: Níveis de análise linguística, v II, Campinas: Ed.Unicamp,2002.
- COSERIU, E. Estudos de Linguística Românica. Madrid: Gredos, 1977. FLEISCHMAN, S. The Future in thought and language. New York: Cambridge University Press, 1982.
- FONSECA, A. M. H. A perífrase verbal ir + infinitivo e o futuro do dialeto Riopretano: um estudo na interface sociolinguística/gramaticalização. 2010. 172 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010.
- GIVÓN, T. Functionalism and Grammar. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.
- GONÇALVES, A. O analitismo verbal e a expressão do futuro no português brasileiro: um estudo diacrônico. 2013. 221 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguístico) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2013.
- KOCH, I. G. V. Tematização e semantização. In: JUBRAN, C. C. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). Gramática do português culto falado no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp. v. I, 2006. p.359-380.
- LOBATO, L. C. R. Gênero Textual na Metodologia de Pesquisa em Gramaticalização. 2009. 131 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- MERCER, J. L. V. O futuro nas línguas românicas. [EDITORIAL]. Revista da Abralín /Associação Brasileira de Linguística, Vol Eletrônico, n. Especial, p. 385-394. 1ª parte 2011
- NEVES, Maria Helena de M. Gramática de usos do português. São Paulo: UNESP, 2000.
- PALMER, F. R. Mood and Modality. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- PONTES, E. Verbos auxiliares no português. Petrópolis: Vozes, 1973.
- REICHENBACH, H. Elements of Symbolic Logic. New York: The MacMillan Company, 1948 apud CORÔA, M. L. M. S. O tempo no português: uma introdução à sua interpretação semântica. São Paulo: Parábola Editorial, 2005
- THOMAS, Earl W. The syntax of spoken Brazilian Portuguese. Nashville: Vanderbilt University Press, 1969.